



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

JORNAL PARA CRIANÇA, DESAFIO ADULTO
A PAUTA DO “SUPER”, DO *CORREIO BRAZILIENSE*, E O QUE CRIANÇAS
QUEREM DAS PÁGINAS

MONIQUE SOBRAL DE MACÊDO
2036410/5

Prof. Orientador:
Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, novembro de 2009.

MONIQUE SOBRAL DE MACÊDO

JORNAL PARA CRIANÇA, DESAFIO ADULTO
A PAUTA DO “SUPER”, DO *CORREIO BRAZILIENSE*, E O QUE CRIANÇAS
QUEREM DAS PÁGINAS

Monografia apresentada como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB
– Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, novembro de 2009.

MONIQUE SOBRAL DE MACÊDO

JORNAL PARA CRIANÇA, DESAFIO ADULTO
A PAUTA DO “SUPER”, DO *CORREIO BRAZILIENSE*, E O QUE CRIANÇAS
QUEREM DAS PÁGINAS

Monografia apresentada como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB
– Centro Universitário de Brasília.
Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. Mauro Castro
Examinador

Prof^a Danielle Caldas
Examinadora

Brasília, novembro de 2009.

*Dedico esse trabalho a minha mãe,
que sempre me apoiou para que
eu não desistisse da graduação. Ao meu pai, que apesar da distância,
sempre esteve presente em meu pensamento. Ao meu esposo,
que compreendeu a minha ausência
ao me dedicar a monografia. As minhas irmãs. A minha irmã Melissa, que esteve ao
meu lado me incentivando. Ela sempre me dizia
“não se preocupe, vai dar tudo certo. Você é capaz”.*
*Dedico, principalmente, às minhas filhas, Maria Eduarda e Sophia,
que abdicaram de minha presença, e é por elas que me
esforço cada vez mais para ser uma grande profissional.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente à Deus e à minha mãe.
A minha mãe por ser um exemplo de força e de luta.
Agradeço ao meu esposo por seu carinho,
paciência e apoio. Agradeço, ainda, a minha amiga,
jornalista Susane Moraes, pelos ensinamentos. E,
principalmente, as minhas filhas que são tudo na minha vida.
Quero agradecer, ainda, ao meu orientador Luiz Cláudio Ferreira
pela importante participação no projeto.*

RESUMO

MACÊDO, Monique Sobral. **Jornal para criança, desafio adulto**. 2009. f. Trabalho de conclusão de Jornalismo (graduação). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2009.

Este trabalho busca retratar a importância da utilização de jornais especializados no público infantil na formação intelectual das crianças. Esta pesquisa aborda a utilização do caderno do *Correio Braziliense*, o Super!, em escolas de ensino fundamental e como este trabalho modifica o cotidiano das crianças e fortalece a leitura crítica. Além disso, esta pesquisadora mostra o projeto criado pela Associação Nacional de Jornais que leva a imprensa às escolas. O trabalho aborda, ainda, a importância da imprensa para a independência do Brasil e para a formação do brasileiro. Ao fim, traz uma pesquisa feita com crianças de 08 a 12 anos sobre a preferência entre as editorias do Super! e também uma entrevista com a coordenadora da escola *Leonardo da Vinci* sobre o projeto de utilização do Super! na escola.

Palavras-chave: Super!; jornalismo para crianças; *Correio Braziliense*; pesquisa infantil.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1. A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL.....	9
2. A IMPRENSA NA SALA DE AULA	16
2.2. JORNAL E EDUCAÇÃO	20
2.2.1 LEITOR DO FUTURO NA CAPITAL	23
3. O SUPER!	24
4. PESQUISA DENTRO DE SALA	27
5. CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

A leitura sempre foi determinante para o aprendizado das crianças, mas para Freinet o modelo de ensino que faz com que a criança apenas decore as palavras, ao invés de compreendê-las, as desmotiva e as torna incompreendida e recalcada. Para Freinet a melhor maneira de ensinar uma criança a ler e a escrever é com o auxílio da imprensa, pois a partir da criação do próprio pensamento e do trabalho com fatos do cotidiano da criança, faz com que ela se interesse em aprender mais.

De acordo com a informação de Freinet, esta pesquisadora escolheu o caderno infantil do *Correio Braziliense*, o Super!, para avaliar se as escolas no Distrito Federal estão utilizando o suplemento para auxiliar no aprendizado da criança. Foram entrevistadas 68 crianças entre oito e 12 anos da escola *Leonardo da Vinci*, em Taguatinga, e do Centro de Ensino Fundamental 05 do Gama. Além disso, foram analisadas edições do Super! no período de 2003 a 2009 para avaliar a quantidade de matérias por temas e a frequência em que foram publicadas no suplemento.

O Super! foi escolhido para ser foco da pesquisa devido a ser o único caderno voltado ao público infanto-juvenil no DF. Segundo informações do site do Grupo Diários Associados, hoje o *Correio Braziliense* é o jornal mais lido no DF com circulação diária de aproximadamente 52 mil exemplares e o caderno infantil é lido por cerca de 70 mil crianças.

Para complementar a pesquisa, foi entrevistada a editora do caderno Super!, a jornalista Ana Sá, que informou sobre o funcionamento do caderno na redação.

Sabe-se que a imprensa teve grande importância para a independência do país e também para a formação intelectual do povo brasileiro, visto que na época do Brasil - colônia era proibida a circulação de livros e jornais pelo país, impossibilitando assim o conhecimento da população.

A pesquisa visa abordar a importância do jornal em sala de aula e o benefício que ele gera no processo educacional. É necessário estimular as crianças à leitura, à formação do pensamento crítico, pois elas são o futuro do país.

1. A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL

Durante o Brasil colonial as publicações (livros e jornais) eram proibidas no país. Segundo Lustosa, para os colonizadores portugueses permitir a imprensa livre, universidades e fábricas no Brasil era desnecessário, mas na verdade a proibição era devido o receio que tinham de que a informação influenciaria negativamente os brasileiros e, assim, prejudicaria os interesses da corte no país.

Com a vinda de toda a corte portuguesa, inclusive de D. João VI para o Brasil, viu-se a necessidade de investir em fábricas e também de imprimir os atos do governo e divulgar as notícias que interessaram à coroa, foi implantado no país a imprensa.

Era inegavelmente uma mudança radical na vida e nos costumes da colônia. (...) O elemento mais importante para esse processo foi mesmo a mudança do centro de poder português de Lisboa para o Rio de Janeiro, com todas as suas conseqüências. Dessas, as mais decisivas foram: a revolução constitucionalista do Porto, em 1820, e a liberação da imprensa no Brasil. (2003, pág. 8)

A duração do primeiro jornal brasileiro foi curta, durou apenas 14 anos (1808-1822). Apesar do curto período, o *Correio Braziliense* foi fundamental para a história do Brasil, pois surgiu no momento em que achavam que o país progrediria devido à presença da corte portuguesa no país, e seu cancelamento se deu pouco tempo depois da proclamação da República. (2003, pág. 8-9)

Nascido no Uruguai, mas brasileiro por opção, Hipólito da Costa se formou em Portugal e viveu parte da sua vida nos Estados Unidos e na Inglaterra, lugar para onde foi depois de fugir de Portugal. Foi na Inglaterra que Hipólito se dedicou a criar e publicar o *Correio Braziliense* e enviar para o Brasil.

Durante aquele começo de vida na Inglaterra, Hipólito se virou como tradutor e professor de português, colaborando em uma obra sobre a história de Portugal e em uma gramática. Dividia-se entre as ocupações quando, em 1808, um fato novo o levou a se tornar o primeiro jornalista brasileiro. Esse fato novo foi a mudança do príncipe regente de Portugal, o futuro rei, D. João VI, com toda a sua corte para o Brasil. (2003, pág. 11-12)

Hipólito acreditava que a mudança do rei e da corte para o Brasil transformaria o país: progresso e desenvolvimento. E a melhor maneira de trabalhar a favor das mudanças seria com a imprensa livre de censuras, assim como ele acompanhava na Inglaterra.

A Inglaterra era um país livre, onde a monarquia constitucional era um fato; onde o Parlamento realmente funcionava e limitava o poder do rei; onde havia uma imprensa livre. Hipólito percebia a importância dessas duas instituições para o funcionamento das outras. (2003, pág. 13-14)

Em 1º de julho de 1808 foi publicada a primeira edição do jornal brasileiro o *Correio Braziliense*. Segundo Lustosa, o nome do jornal foi escolhido, pois chamavam de brasileiros os comerciantes que negociavam com o Brasil, brasileiros os índios e brasileiros eram os portugueses nascidos ou estabelecidos no Brasil e que tinham o país como verdadeira pátria. (2003, pág. 14)

O jornal de Hipólito tinha o formato e o tamanho de um livro, cada edição tinha aproximadamente 100 páginas e era dividido em sessões.

Num tempo em que o acesso à educação era tão menos democrático, em que vivíamos a mudança do mundo a partir das idéias do iluminismo, a imprensa se firmara como um importante difusor das chamadas Luzes. Naquele contexto, o jornalista se confundia com o educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através dos seus escritos jornalísticos. (2003, pág. 15)

O *Correio* era a principal fonte de informação para os brasileiros. Era por meio do jornal que acompanhavam o que acontecia pelo mundo afora. Foi através do *Correio* que os brasileiros souberam, com riqueza de detalhes, a trajetória e derrota de Napoleão e, também, do processo de independência das colônias espanholas nas Américas, de acordo com Lustosa. (2003, pág. 16)

A intenção de Hipólito com a publicação de notícias internacionais era influenciar os brasileiros sobre os ideais liberais e para mostrar como o absolutismo era danoso para o país. Além disso, Hipólito era contra o trabalho escravo e lutava a favor do trabalho livre. (2003, pág. 17)

Ele (Hipólito) era contra os monopólios que estrangiam o progresso do comércio e da indústria; queria a transparência das contas públicas, uma maior participação do povo na política, mas que esta não se confundisse com a liderança do processo de transformação do sistema de governo. (...) Acreditava que a monarquia constitucional tal como conhecia na Inglaterra era o melhor dos governos possíveis. (2003, pág. 17-18)

A vinda de D. João propiciou ao Brasil progresso e crescimento após a abertura dos portos às nações amigas, o que determinou o fim do monopólio com Portugal, segundo Lustosa. Em 1815 o Brasil foi elevado à categoria de Reino. (2003, pág. 18)

Em 1820 estourou a Revolução Constitucionalista de Portugal devido a insatisfação dos portugueses com a situação e o desprestígio do país.

Organizaram-se os revolucionários numa junta que assumiu o poder de fato do país, lançou as bases do que seria a constituição portuguesa e convocou uma assembleia constituinte. Logo seus deputados determinaram a volta de D. João IV para Portugal. O que, para desgosto do rei, seu deu em 26 de abril de 1821.

A nova Assembleia Constituinte de Portugal decidiu votar algumas leis especialmente para o Brasil, antes mesmo que o país tivesse seus próprios deputados. Essa atitude, segundo Lustosa, fez com que Hipólito passasse a fazer total oposição aos portugueses. (2003, pág. 19)

Lançado em 10 de setembro de 1808, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal a ser impresso no Brasil. Na *Gazeta* eram publicados decretos e fatos da família real e um breve noticiário com as informações internacionais, porém devido à censura da Imprensa Régia, muitas matérias que remetessem ao liberalismo ou revolução eram imediatamente retiradas do jornal.

José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu, foi a primeira personalidade brasileira a criar seu próprio periódico. Segundo Lustosa, Lisboa foi um dos responsáveis pela criação do decreto que determinou a abertura dos portos às nações amigas e pelo exímio trabalho foi nomeado por D. João “membro da junta de censura da Imprensa Régia, exercendo papel decisivo na seleção de originais a serem publicados”. (2003, pág. 21)

O jornal criado por Lisboa foi o *Conciliador do Reino Unido* e era partidário à D. João. Em suas publicações Cairu “chamava a atenção para os danos que a liberdade de imprensa vinha causando no mundo livre”. (2003, pág. 22)

Cairu comparava a liberdade civil e de imprensa ao “vinho espirituoso”, que atordoa as cabeças fracas e arruína os estômagos débeis. Dizia que, se a censura “não obstasse os desvarios no vulgo”, mais depressa se aceleraria a época das desordens totais. (2003, pág. 22)

Muitos jornais surgiram nos anos subseqüentes, uns a favor do rei e outros que lutavam pela liberdade de imprensa e na independência do Brasil.

O *Reverbero Constitucional Fluminense*, criado em 15 de setembro de 1821, foi um dos jornais importantes da época. “Dois conhecidos e importantes maçons, Januário da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo” foram os responsáveis pelo jornal. Segundo Lustosa, o jornal de Barbosa e Ledo foi o primeiro periódico a ser publicado sem passar pelo crivo da censura e também o primeiro a defender, por escrito, os ideais da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. (2003, pág. 23)

O Revérbero defenderia abertamente a liberdade de imprensa e deixava claro que considerava loucura e precipitação falar em independência naquele momento. Mas o surgimento do jornal já assinalava a tensão que caracterizaria daí por diante as relações entre brasileiros e portugueses até a Regência. Ele surgira baseado na certeza de que era preciso tomar posição e assumir imediatamente a defesa dos interesses do Brasil. (2003, pág. 23)

O avanço das cortes reunidas em Lisboa, no final de 1821, não era bem visto no Rio de Janeiro, segundo Lustosa. (2003, pág. 24) Muitos decretos evidenciavam a intenção de dividir o Brasil e esvaziar o poder do príncipe regente. Um dos decretos determinava que D. Pedro deveria embarcar de volta para Portugal e outros restabeleciam o monopólio comercial com os portugueses e determinava que os tribunais e Academias deveriam ser fechados.

Mas o Rio já conhecia a imprensa e o poder da palavra frente ao arbítrio. Logo depois que correu na cidade a notícia dos decretos, apareceu impresso o *Despertar Braziliense*. Era apenas um panfleto, mas pregava a sublevação contra as Cortes. Exigia de D. Pedro que ficasse, desmascarava o sentido colonialista das medidas e a intenção de fragmentar o Brasil, de reduzi-lo a menos ainda do que era durante o tempo dos vice-reis. (2003, pág. 25)

O *Despertar Braziliense* deu abertura para que outros jornais se organizassem no movimento pela permanência de D. Pedro e contra as medidas das Cortes. Para os jornalistas brasileiros aquelas medidas seria um retrocesso para o Brasil. (2003, pág. 25)

D. Pedro estava em dúvida de qual atitude deveria tomar, porém José Bonifácio de Andrade escreveu uma carta ao regente dizendo:

(...) caso D. Pedro partisse “além de perder para o mundo a dignidade de um homem e de príncipe, tornando-se escravo de um pequeno número de desorganizadores”, teria também que responder, “perante o céu, pelo rio de sangue que decerto vai correr pelo Brasil com a sua ausência”. Pediam-lhe ainda que não partisse sem ouvir comissão de representantes de São Paulo que vinha ao Rio insistir para que ele ficasse. (2003, pág. 26)

Foi, então, que em 9 de janeiro de 1822, D. Pedro declarou que “para o bem do povo e felicidade geral da nação” ele ficava (2003, pág. 26)

Um novo jornal surgiu em abril de 1822 que lançava a campanha pela Constituinte Brasileira: o *Correio do Rio de Janeiro*, escrito pelo comerciante português João Soares Lisboa.

A pressão da imprensa brasileira pela criação de uma Assembléia dedicada a formular a Constituição do Reino, gerou atritos com as cortes de Lisboa. Os portugueses trataram de revidar publicando insultos contra os brasileiros na imprensa daquele país. As declarações portuguesas geraram revoltas nos brasileiros e, como repúdio, muitos brasileiros alteraram seus sobrenomes por nomes ligados à fauna e a flora brasileira. Essas atitudes geraram um grande patriotismo na população.

Antes de declarada a Independência, o governo escolheu representantes e observadores para viajarem às Cortes européias e aos Estados Unidos. Um manifesto afirmativo da autonomia e das disposições do governo brasileiro enviado às nações em agosto de 1822 era, de fato, a declaração de nossa independência ao mundo. Por isso, talvez, o grito do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822, tenha merecido pouca atenção da imprensa de então e só posteriormente foi consagrado como momento-chave da Independência.

Com o êxito da Independência do Brasil, em 1822, Hipólito da Costa encerrou a publicação do *Correio Braziliense*. Porém, Hipólito ainda colaborou para que a Independência fosse reconhecida na Europa e veio a falecer, no final de 1823, de morte súbita. (2003, pág. 19)

Lustosa afirma em seu livro que a imprensa foi determinante para a Independência do Brasil. Ela elogia e exalta o trabalho de Hipólito da Costa que trabalhou sistematicamente a favor do liberalismo econômico e político do país. Hipólito considerava que a repressão a imprensa e ao pensamento livre era uma maneira de esconder “a corrupção, as irregularidades e as incompetências”. (2003, pág. 52)

Para Lustosa, o *Despertar Braziliense* foi o panfleto mais importante de José da Silva Lisboa, por ter um papel decisivo no progresso do Fico de D. Pedro.

Com os jornais e panfletos que circularam no Brasil nos anos de 1821 a 1823, pode-se perceber o funcionamento da política brasileira da época e também dos diversos grupos que participaram da cena política.

A atuação de D. Pedro foi um outro aspecto importante na imprensa daquela época:

O enfant terrible, como ele era visto no Brasil e no exterior, aparece por inteiro nos artigos que os historiados Helio Viana comprovou serem de sua autoria (D. Pedro). Ele (D. Pedro) também se beneficiaria da liberdade de imprensa para atacar os que pensava serem seus inimigos. Ele aparece uma série de artigos (...) atacando João Soares Lisboa numa série de artigos relativos às eleições para a Assembléia Constituinte. (2003, pág. 54)

A imprensa daquele período retratava o poder que a mídia tinha era “o ‘quarto poder’, a possibilidade de uso da comprovada força da palavra para chantagear, para obter vantagens pessoais ou apenas para ganhar o próprio sustento alugando a pena”. (2003, pág. 54)

Lustosa fala, abertamente, sobre a importância da imprensa para a história do Brasil:

Aquele curto período de nossa história quando foram tomadas decisões cujas conseqüências se espraiam por toda a nossa vida de nação independente, foi o contexto em que a política e imprensa se confundiram da forma mais radical. (2003, pág. 58-59)

Além da participação importante na Independência do Brasil, a imprensa também esteve presente em outros grandes momentos da história brasileira. A abolição da escravatura é um exemplo da importância da imprensa na conquista e no trabalho realizado em busca de um país melhor. A campanha da abolição é considerada a mais popular difundida no país por teve a participação de “representantes da elite, das camadas médias urbanas, do funcionalismo público, do segmento estudantil, parte da igreja e agentes emblemáticos da população negra”. (2008, pág. 74-75)

Consta que até mesmo os filhos da princesa Isabel publicavam um jornalzinho abolicionista no Palácio de Petrópolis. (2008, pág. 75)

É fato de que a imprensa está ligada à nação brasileira desde a sua criação. Ela sempre foi essencial para o crescimento e amadurecimento do Brasil como diz Martins e de Luca: A imprensa é o objeto e sujeito da história brasileira (...) e também é veículo para reconstrução do passado”. (2008, pág. 8)

Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunharam, registraram e veicularam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. (2008, pág. 8)

A imprensa sempre esteve presente nos momentos históricos do país como a Guerra de Canudos. Nem mesmo com a censura, durante o Estado Novo, foi capaz de deter os jornalistas que não se calaram em busca de um Brasil melhor e pela liberdade de expressão. Eles se mantiveram firmes pelas “Diretas Já!” e *impeachment* do presidente Fernando Collor, pois como diz Isabel Lustosa “imprensa se escreve com ‘i’ de independência”. (2003, pág. 52)

2. A IMPRENSA NA SALA DE AULA

O contato mais profundo da criança com a leitura é feito em sala de aula, por isso é necessário que os professores incentivem seus alunos mostrando a importância da leitura, como ela é capaz de melhorar a criatividade, o diálogo e principalmente a inteligência. Mas a criança para se apaixonar pela leitura precisa ser seduzida, então, é preciso utilizar novos formatos, como a imprensa na escola, pois o modelo de “leitura obrigatória” está ultrapassado.

Freinet defende a utilização da imprensa para alfabetizar as crianças e também para aprimorar a leitura dos mais velhos. Ele afirma que o método de utilização do jornal, por conter imagens e fotografias, chama a atenção da criança gerando, assim, maior interesse em conhecer aquilo que a gravura ilustra. (1977, pág. 28) “A criança primeiro reage à imagem (...) só depois é que dá uma olhadela a texto. (...) E a partir desta visão rápida, reconstitui o texto à sua maneira. (...) É este modo de leitura (...) que causa importante influência no processo geral da leitura”. (1977, pág. 28)

A maneira comum de ensinar uma criança a ler e a escrever, segundo Freinet, a torna incompreendida e recalcada, porém com o método de inserção da imprensa na escola a criança passa a ser mais comunicativa e a interagir umas com as outras. A criança que é estimulada sente a necessidade de ler.

“É forjando que nos tornamos ferreiros.
É falando que aprendemos a falar.
É escrevendo que aprendemos a escrever.
É exprimindo-nos que aprendemos a exprimir-nos, a tomar consciência de nós mesmos, a afirmar nossa personalidade.” (1977, pág. 44)

Para Freinet a utilização da imprensa na escola é comparada ao ensinamento que toda mãe dá aos seus filhos quando estão aprendendo a falar: o importante é se expressar e apoiar, mesmo que não haja um entendimento do que foi dito.

Primeiro, deixamos a criança exprimir-se (...) para que esta expressão tenha o seu verdadeiro sentido e a sua razão de ser. (...) Todas as palavras, todos os pensamentos saídos da boca das crianças podem, e devem, sem perigo, passar para a impressão. Ajudamos os vagarosos, os atrasados, os difíceis, a completar uma expressão que demora a exteriorizar-se”. (1977, pág. 48)

Freinet frisa que a técnica da imprensa fará com que a criança aprenda naturalmente a ler e a escrever do mesmo modo como ela aprende a falar, sem que haja uma obrigação e como consequência um desinteresse em ler.

O método de utilização da imprensa nas escolas está em maior parte entre os meios burgueses onde o interesse intelectual é facilmente estimulado, de acordo com Freinet. (1977, pág. 61) Já os “pequenos camponeses” (como foi denominada a classe de baixa renda por Freinet) raramente têm contato com livros e jornais, o que gera uma indiferença e até mesmo um desdém pela leitura, devido à falta de incentivo. (1977, pág. 61)

Freinet afirma que a primeira preocupação da escola deve ser em formar o pensamento e a expressão criança através da linguagem, para que ela seja livre para expressar suas ideias. Mas isso só será possível com a utilização da imprensa na escola, a criação do próprio jornal em sala de aula para que exprima orgulhosamente o seu pensamento. (1977, pág. 63)

É a própria criança que realiza o seu livro, as folhas de troca e o material que ainda se considera indispensável para apressar a leitura. Um dia admitir-se-á que a criança pode aprender a ler lendo e querendo saber ler porque sente a necessidade deste mecanismo quando ligados às suas necessidades profundas. (1977, pág.66)

O professor, na sala de aula, é o responsável pela criação do debate que auxiliará a criança na maneira de expressar o entendimento do texto proposto, pois o professor é o facilitador do aprendizado da leitura, já que faz intenções em situações pontuais, sem impor um padrão, e sim favorecendo a troca de opiniões entre os alunos, segundo Rangel. (2005, pág. 26)

Pode-se afirmar que a compreensão e a interpretação de um texto diferem de acordo com quem está lendo e também da situação vivida pelo leitor, de acordo com Maria Helena Martins (2002, p. 104). Martins ainda afirma a importância de partilhar a compreensão do que foi lido, pois “ao lermos, se estamos descobrindo a expressão de outrem, estamos também nos revelando” (2002, p. 105). Esta afirmação pode-se incluir a necessidade de se levar às salas de aula textos diversos para que as crianças possam interagir entre si e trocar idéias, pois o debate auxilia a compreensão.

A inserção de matérias jornalísticas voltadas ao público infantil torna o diálogo em sala de aula mais produtivo, pois o texto que remete ao dia a dia da criança, faz com que ela se identifique e a torne mais interessada com o conteúdo.

A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabada, mas um espaço que pode contribuir para a formação do leitor reflexivo. (2005, pág. 26)

A utilização de textos escolares encontrados em livros didáticos, segundo Rangel, imprime uma leitura mecanizada, passiva e indicativa do amortecimento de um posicionamento crítico por parte do leitor. (2005, pág. 31)

Para Faria (2002, pág. 11) levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. A autora diz ainda que os jornais são mediadores entre a escola e o mundo.

O jornal também é uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna, assim, um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social. (...) Ele leva o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática. (2002, pág. 11)

A leitura do jornal contribui para que o aluno desenvolva um ponto de referência para a produção de texto e também aumentar o conhecimento da sua cultura, segundo Faria.

O jornal é um registro da história no seu dia a dia, (...) com ele o aluno é capaz de relacionar o passado com o presente, buscando as origens dos fatos e a refletir sobre as conseqüências daquilo que ocorre dia após dia, numa projeção da história para o futuro. (2002, pág. 12)

A leitura do jornal é capaz de influenciar o hábito e a paixão pela literatura em geral, além de colaborar com a formação intelectual da criança e também ser um formador de opinião.

Faria utiliza a nomenclatura “pedagogia da informação” para definir a utilização do jornal em sala de aula e afirma que o objetivo deste método é “ensinar o aluno a se situar no caso do excesso de informação” e instruir o aluno “a selecionar os fatos, organizando-os, analisando-os e criticando-os”. (2002, pág. 13) Faria enumera, ainda, os “efeitos mais gerais do trabalho com o jornal na escola que levam o aluno a desenvolver operações e processos mentais que concorrem para a construção da inteligência”:

Identificar, isolar, relacionar, combinar, comparar, selecionar, relacionar, combinar, comparar, selecionar, classificar, ordenar; induzir e deduzir; levantar hipóteses e verificá-las; codificar, esquematizar; reproduzir, transformar, transpor conhecimentos, criar; conceituar; memorizar e replicar conhecimentos. (2002, pág. 13)

Mas o mais importante, segundo Faria é aprender a aprender, pois com a leitura o aluno aprende a escrever, transmitir o que aprendeu ao seu cotidiano, com base no que foi lido no jornal, e também aprender a ler de forma crítica.

Com a leitura do jornal o aluno será capaz de absorver aquela informação e se transformar num leitor crítico e inteligente, de acordo com Faria (2006, pág. 16).

Faria *apud* Morduchowicz sobre uma importante afirmação “o contato dos alunos com a informação da atualidade contribui para a ampliação do espaço público, porque eles poderão também compreender que também participam das decisões que afetam suas vidas cotidianas. Assim, poderão tomar consciência de sua qualidade de cidadãos” (2006, pág. 16).

Freinet diz que o jornal escolar não deve estar a serviço da “pedagogia escolástica” que lhe diminua o alcance, mas sim à medida de uma educação que ensina para a vida. (1993, pág. 78)

O jornal escolar além de beneficiar o aluno também permite que o educador compreenda melhor a psicologia infantil, a dificuldade e a percepção que a criança tem diante de um jornal, pois apesar de muitos estudos ainda há domínio da psicologia infantil, segundo Freinet. (1993, pág. 93)

A imprensa na sala de aula motiva as crianças a expressarem suas ideias e a se sentirem a vontade em debater o que pensa e o que compreendeu daquela leitura, ela se socializa melhor com as outras crianças.

A imprensa restitui a palavra à criança. São seus pensamentos ricos de conteúdo emocional, são instantes vibrantes de vida que ela vai confiar ao outro. É tudo o que sente, tudo o que seu espírito engendra que ela se habitua a exteriorizar, sem a preocupação de esconder o que é mais ou menos belo de pensar. Desabafa: mágoas, aspirações, rancores, pensamentos reservados, desejos, são contatos confusamente em impulsos, associações ingênuas, muitas vezes inexplicáveis para o adulto. (1977, pág. 65/66)

O adulto que hoje é apaixonado por livros e leituras com certeza foi uma criança incentivada desde cedo a ler. O livro pode ser refúgio, amigo, amante, companheiro e até mesmo um mundo novo, basta estar disposto a conhecê-lo.

2.2. JORNAL E EDUCAÇÃO

A Associação Nacional de Jornais (ANJ) mantém o programa “Jornal e Educação” em parceria com jornais filiados e parceiros em prol da leitura, com o objetivo de formar leitores críticos, numa perspectiva efetiva de cidadania e participação social.

Segundo o site da ANJ, são 138 jornais filiados a Associação, mas apenas 62 desenvolvem o projeto de levar jornais às escolas, bibliotecas e outras instituições educativas. Há também dois programas de jornais não associados à ANJ, mas que são ligados ao Programa Jornal e Educação. O intuito desse trabalho é auxiliar na formação de novos leitores e também reverter o baixo índice de leitura, além disso, o programa tem o intuito de facilitar o acesso às informações do cotidiano e, assim, auxiliar na formação da opinião popular em prol de uma sociedade melhor.

A Associação ainda afirma que os jornais, mesmo aqueles que não se filiaram ao programa, mantêm programas educativos com a finalidade de integrar a escola com o jornal. O site exemplifica que

“é bastante comum a publicação de suplementos infantis e juvenis, a doação de exemplares a escolas, o recebimento de alunos em visita à empresa, a realização de concursos, a publicação de cadernos, sejam dedicado ao vestibular, sejam dedicado à educação de um modo geral, a orientação a escolas na criação de seus jornais escolares ou mesmo a realização de palestras em instituições de ensino e a busca de parcerias com universidades locais”. (ANJ, 2009)

Apesar de existir o programa, a participação da ANJ é apenas de coordenar o projeto, ela não o desenvolve, cada entidade é responsável pela criação do projeto. Atualmente existem 64 programas associados ao “Jornal e Educação”, segundo dados de 2008.

Segundo a ANJ o jornal Zero Hora (RS), com o caderno *ZH na Sala de Aula*, foi o pioneiro no programa, sendo instalado em 1980. Atualmente 19 estados e mais o Distrito Federal tem o programa de iniciativa da Associação. De acordo com dados de 2007 da Associação, a quantidade de projetos por região se divide em: três jornais no Norte, cinco no Centro-Oeste, 11 no Nordeste, 16 no Sul e 29 no Sudeste do país. Os jornais do Centro-Oeste são o *Correio Braziliense* (DF), *O Popular* (GO), *O Progresso* (MS), *Correio do Estado* (MS) e *Tribuna do Planalto* (GO), sendo o último não associado a ANJ.

Segundo dados da Associação, o “Jornal e Educação” tem aproximadamente sete mil escolas atendidas, sendo quase dois milhões de alunos e 68 mil professores atingidos pelo programa.

O site da ANJ cita a pesquisa do Instituto de Analfabetismo Funcional (INAF), Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEAB) e da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) sobre a escolaridade da população brasileira:

Segundo pesquisa do INAF/ANEAB/ UNESCO, realizadas em 2006, 26% da população brasileira de 15 a 64 anos é plenamente alfabetizada (3/4 da população não seriam capazes de ler um texto e compreender o que estão lendo) e 23% deste grupo, conseguem resolver um problema matemático com mais de uma operação. Nada menos que 32% dos alunos da 1.^a série do Ensino Fundamental são repetentes, assim como 20% dos que cursam a 2.^a série. E 55% dos alunos de 4.^a série estão em situação crítica ou abaixo da crítica na área de leitura e escrita e 66% dos estudantes de 14 anos estão cursando séries defasadas em relação a sua idade (2/3 de todo o contingente). (ANJ, 2009)

O teste do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) e Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), feito em 56 países e aplicado em 2006, verifica o nível de educação em jovens de 15 anos. Mostra o Brasil na 49^a colocação, um dos últimos lugares. Este teste, segundo a ANJ, abrange:

os domínios de Leitura, Matemática e Ciências, não somente quanto ao domínio curricular de cada escola, mas também quanto aos conhecimentos relevantes e às habilidades necessárias à vida adulta. E dá ênfase no domínio dos procedimentos, compreensão dos conceitos e capacidade para responder a diferentes situações dentro de cada campo. (ANJ, 2009)

O Brasil ainda tem muito o que fazer para melhorar a educação no país, e os jornais, como formadores de opinião, são capazes de auxiliar para melhorar esses índices.

Segundo a Associação Nacional de Jornais, eles estimulam a criação de projetos voltados à educação “porque acreditam na relevância do acesso à informação para a formação da cidadania e para a consolidação do Estado Democrático de Direito”.

(A ANJ) Acredita que um jornal nas mãos de um professor orientado para o seu uso multi, interdisciplinar e transversal em sala de aula, pode assegurar não apenas a leitura plena entre estudantes, crianças ou adultos, mas também permite a contextualização dos fatos que permeiam o cotidiano da cidade, do país e do mundo, com as disciplinas ensinadas, tornando tais conteúdos atuais, relevantes e

significativos. E tudo isso faz parte, forma a substância, do que se entende como educação de cidadãos. (ANJ, 2009)

A missão do Projeto Jornal e Educação é possibilitar, principalmente aos novos leitores, acesso à informação por meio do jornal para que ele possa estimular o prazer da leitura, “a sua ampla re-interpretação em seus vínculos com a realidade social e a conseqüente criação de alternativas para expressão de atitudes cidadãs, por parte dos leitores, diante das informações por ele veiculadas”, de acordo com informações do site da ANJ.

2.2.1 LEITOR DO FUTURO NA CAPITAL

No Distrito Federal o Programa da Associação Nacional de Jornais é realizado pelo Correio Braziliense com o projeto Leitor do Futuro. Desenvolvido pela Fundação Assis Chateaubriand, o programa tem o intuito de estimular o uso dos jornais do Grupo Diários Associados como recurso pedagógico para complementar a utilização de textos em sala de aula e também incentivar a leitura de crianças e adolescentes das escolas públicas e privadas da Capital Federal.

O programa demonstra aos alunos que o jornal pode ser aproveitado de forma interdisciplinar para introduzir discussões de conceito às vezes pouco trabalhados pela escola, adquirir novos conhecimentos a partir da leitura, relacioná-los com sua experiência pessoal e pensar de modo crítico sobre o que é lido. (Diários Associados, 2009)

A escola ao aderir o Programa recebe semanalmente uma cota de jornais para que seja trabalhado com os alunos em sala de aula. E o jornal oferece uma oficina para capacitar os professores sobre o uso do jornal em sala de aula. O Leitor do Futuro oferece também visita dos estudantes as dependências do Grupo Diários Associados no DF e palestras sobre o funcionamento do jornal diário. Todas as visitas as dependências do Grupo geram matérias jornalísticas no Correio Braziliense e também são publicadas fotos dos alunos que foram conhecer o local.

3. O SUPER!

O *Correio Braziliense* foi o primeiro jornal a circular no Brasil há aproximadamente 200 anos. Criado por Hipólito da Costa, o jornal foi resgatado por Assis Chateaubriand no dia 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília. (Site Diários Associados, 2009)

Hoje o *Correio Braziliense* é o jornal mais lido no Distrito Federal (IBOPE, 2009), de maior circulação no Centro-Oeste e um dos mais influentes do país. Com circulação diária de aproximadamente 52 mil exemplares, o *Correio* tem cinco cadernos fixos e 12 suplementos variados que circulam semanalmente ou mensalmente. (Site Diários Associados, 2009)

O *Correio* tem editorias e cadernos voltados para todos os públicos-leitores, até mesmo para as crianças. O caderno Super! é voltado para as crianças entre oito e 12 anos e abrange temas como literatura, cultura popular, televisão, teatro, artes, meio ambiente e comportamento. Além disso, o Super! tem uma página destinada a jogos e brincadeiras. (Site Diários Associados, 2009)

Lançado em 2003, o Super! tem formato tablóide para facilitar o manuseio para as crianças e tem cerca de 70 mil leitores, a maioria pertencentes as classes A e B. (Site Diários Associados, 2009) Editado pela jornalista Ana Sá, o caderno tem oito páginas de entretenimento e informação para as crianças, e circula semanalmente aos sábados.

Em levantamento de 85 edições do Super!, entre 2003 e 2009, mostra que 16% das matérias publicadas pelo caderno são sobre datas comemorativas, 15% de histórias em geral (Brasil e mundo), 14% sobre filmes que serão lançados ou estão em cartaz, 12% literatura, 12% meio ambiente, 8% férias, 7% comportamento, 6% programas de TV que fazem sucesso, 4% brinquedos, 3% política e economia com 3% de matérias publicadas com o tema.

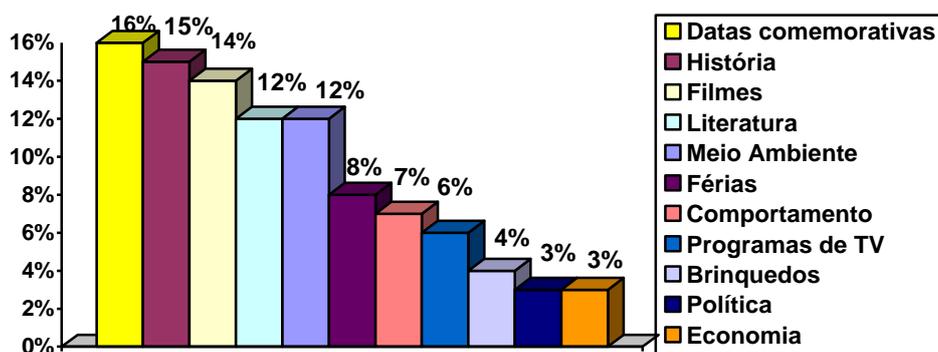


Ilustração 1 - Matérias publicadas - 2003 a 2009

Segundo Ana Sá (entrevista oral, 2009), o caderno conta com uma equipe fixa pequena, são apenas três pessoas, mas sempre contam com alguns colaboradores como a jornalista e escritora Ana Paula Corradini, que tem uma vasta experiência em publicações infanto-juvenis. O Super! ainda conta com a colaboração de vários jornalistas da própria redação do *Correio*.

Para Ana Sá, escrever para o público infantil não é tarefa fácil, mas os jornalistas do Super! tiveram uma oficina com a jornalista Dad Squarisi para aprenderem a escrever para as crianças. Segundo a editora, os jornalistas procuram escrever para os jovens leitores em linguagem relacionada com o cotidiano deles e de um modo que não torne o texto cansativo. “Usamos uma linguagem clara, objetiva e sem nenhuma afetação ou imitação. Ou seja, sempre tratando nossos leitores com respeito e inteligência. Outro recurso interessante da nossa proposta é o uso da ilustração, que serviu de exemplo para os cadernos infantis de outros veículos”, informou Sá.

Incentivar as crianças a lerem desde cedo auxilia a criar hábito de leitura e ajuda na formação cultural dos pequenos, de acordo com Sá. Segundo a editora do Super! o caderno não tem nenhuma parceria ou projeto para a utilização do jornal em sala de aula, mas afirma que a iniciativa das escolas em usar o jornal é um grande estímulo ao trabalho dos jornalistas e auxilia a formar futuros leitores.

As queixas da jornalista Ana Sá são relativas à falta de uma seção de cartas no caderno para estimular a interação dos leitores com os jornalistas e também a criação de um site exclusivo para os leitores infantis. O caderno recebe semanalmente “muitas cartas” para participação nos concursos culturais promovidos pelo Super! e por meio delas recebem sugestões de matérias e felicitações pelo trabalho.

Em entrevista ao programa Vitrine da TV Cultura sobre cadernos infantis (exibida em 13 de outubro de 2006), o repórter Rodrigo Rodrigues falou da importância do trabalho exercido pelos profissionais de comunicação e elogiou a iniciativa das empresas que criaram cadernos específicos para o público infanto-juvenil. “Na redação dos cadernos infantis os jornalistas responsáveis pela publicação de matérias para o público infantil mantêm a concentração e dedicação na hora de escrever, mas sem perder o bom humor”, afirma Rodrigues na reportagem. Na matéria, a professora Andréia Gomes, de Brasília, fala da importância do

jornal para os alunos: “A partir da leitura do Super! as crianças desenvolvem melhor a escrita porque trabalhamos a parte de debates e discussões”, diz Gomes.

4. PESQUISA DENTRO DE SALA

Entre setembro e outubro de 2009, esta pesquisadora entrevistou 68 alunos de uma escola particular e de uma pública do Distrito Federal sobre a utilização do Super! em sala de aula. (Veja questionário no anexo)

A escola particular escolhida para ser foco da pesquisa foi o *Leonardo da Vinci*, de Taguatinga, e a escola pública foi o Centro de Ensino Fundamental 05 do Gama. As instituições foram escolhidas devido a facilidade de acesso da pesquisadora. Foram entrevistadas crianças entre oito e 12 anos, de acordo com a faixa etária do público-alvo do suplemento infanto-juvenil do *Correio Braziliense*.

As 34 crianças das escolas públicas responderam que não utilizavam o Super! em sala de aula, mas 12 alunos responderam que tinham acesso ao caderno em casa. Os alunos que disseram ter acesso ao jornal em casa informaram que gostavam de ler o caderno, porém o interesse era maior na parte de jogos e brincadeiras, encontrados na última página do Super!.

Segundo as crianças da escola pública pesquisada, raramente as professoras utilizam ou solicitam aos alunos que levem jornais à escola e, quando solicitado, não é obrigatória apenas a utilização do Super! e, sim, de todo o jornal. Foi informado, ainda, que o uso do jornal em sala de aula era, na maioria dos casos, para recorte de figuras para ilustrar trabalhos ou como exemplos de profissões. Algumas escolas públicas têm parceria com o *Grupo Diários Associados*, porém não houve informação de quais seriam.

Na escola particular *Leonardo da Vinci* todas as 34 crianças entrevistadas confirmaram a utilização do Super! na sala de aula. Desses alunos, 12 disseram que não liam o Super! em casa, apenas na escola. Mesmo com o incentivo da escola, sete crianças disseram não gostar de ler o Super! e destes, três informaram que achavam o caderno “chato”.

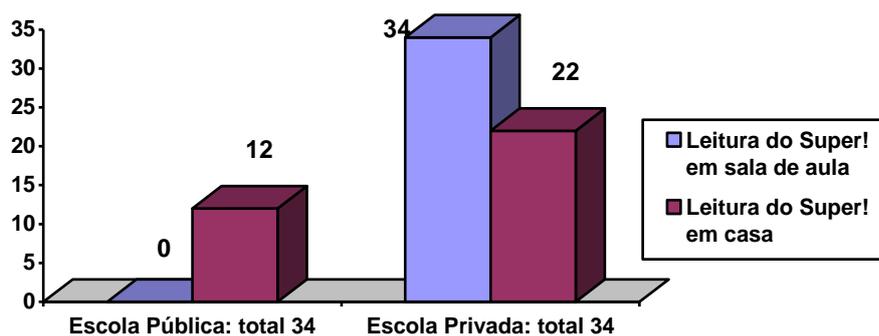


Ilustração 2 - Leitura do Super!

Apesar da editoria “Agenda” ser um mecanismo de interação da criança-leitor com a cidade, pois ela divulga os eventos culturais que vão acontecer no DF, 23 crianças informaram não gostar da seção. Outra seção que não gera interesse dos pequenos é “Na ponta da língua”, uma coluna de histórias com lições de vida escrita pela jornalista Dad Squarisi. Também foram citadas as “Palavras Cruzadas” e o “Seninha” (passatempo), impressos na última parte do jornal, que são jogos infantis, com nove e seis votos, respectivamente.

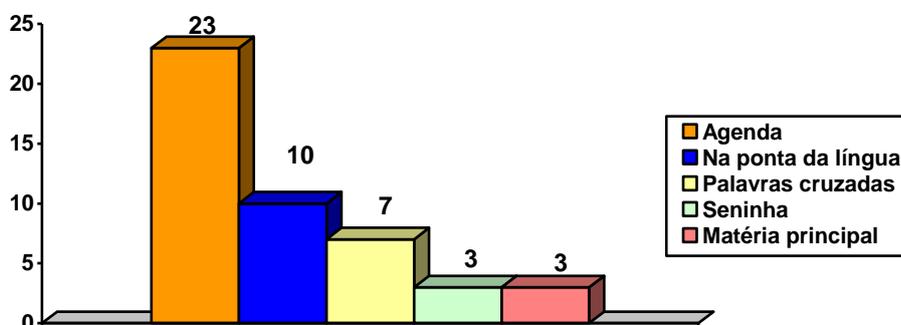
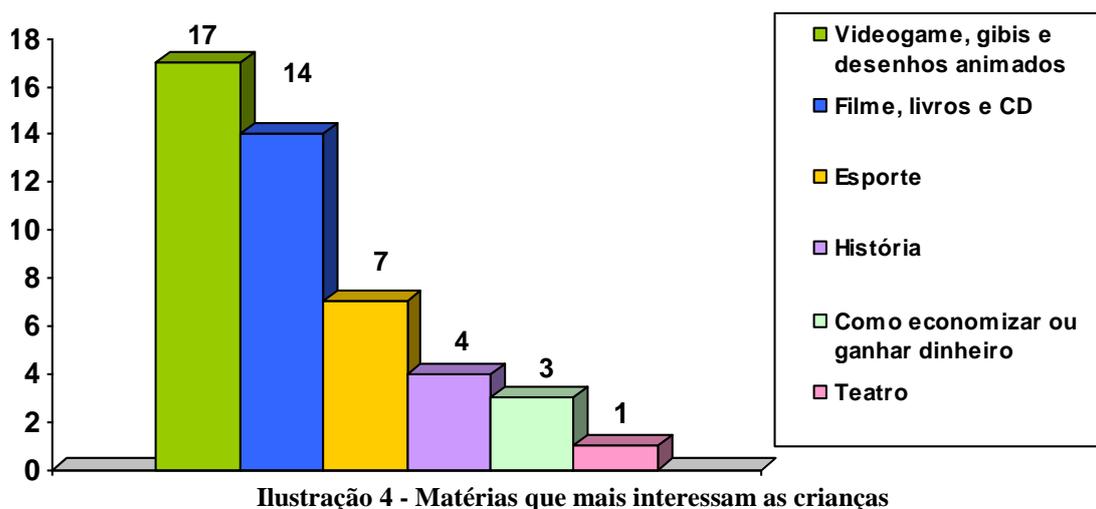


Ilustração 3 - Editorias que não gostam

Em geral, 46 crianças gostam do Super! e acham as matérias interessantes e importantes, mas, como não poderia ser diferente, 17 crianças disseram que o que mais as interessa são textos sobre videogame, gibis e desenhos animados. Mas as matérias sobre filmes, CD e livros lançados especialmente para os pequenos não ficou atrás nos dados, 14 crianças informaram que esses tipos de matérias eram as que mais interessavam a eles.



Para as crianças da escola particular, a utilização do caderno infanto-juvenil do *Correio Braziliense* torna a aula “mais legal”, ou seja, com o jornal em sala a aula ficava mais dinâmica e divertida, por ser um modo de aprender brincando.

Um dos alunos, que respondeu ao questionário, disse que gosta do Super! por ele ser diversificado e com isso pode ler muitas coisas.

Para compreender a escolha das crianças sobre textos de videogame, foi apresentado a psicopedagoga Isabel Monnerat o resultado da pesquisa. De acordo com Monnerat, a preferência das crianças pelos textos de videogames deve-se ao fato de ser um dos entretenimentos mais vivenciados por elas na atualidade e estar bem informado sobre as novidades torna-se importante para o cotidiano delas. Quanto aos gibis e desenhos animados, segundo Monnerat, por serem opções de lazer e leitura que atravessam gerações, eles divertem, estimulam o raciocínio e a criatividade.

Na opinião de Isabel, a diversidade de tipos de textos é de grande importância para a construção do saber e as crianças buscam essa variedade de conteúdo quando são estimuladas a isso. Por isso, ainda segundo Isabel, o jornalista pode contribuir para a formação de bons leitores quando desenvolve trabalhos lúdicos de leitura, participa e divulga eventos voltados para este fim e cita, como exemplos, a Feira de Livros, o Sarau Literário e lançamento de livros.

Segundo a professora Renata Goulart, do *Leonardo da Vinci*, a escola utiliza o Super! em sala de aula desde 2005, porém ela só o acompanha desde 2006 quando ingressou no

colégio. De acordo com Goulart para a utilização do caderno infanto-juvenil, geralmente às segundas-feiras, a turma é dividida em grupos onde são discutidas as matérias publicadas, após a leitura e debate as crianças registram o que foi conversado e realizam atividades variadas para despertar o interesse pela leitura e informação. Uma das atividades muito utilizada pela professora é que as crianças reescrevam as notícias e depois as leia em voz alta para os colegas de classe.

Renata afirma que o incentivo pela leitura do Super! é muito interessante, pois percebe-se o interesse que as crianças têm de ler cada vez mais, já que elas pedem aos pais para comprarem o caderno no fim de semana e chegam na escola já comentando as matérias publicadas no sábado. Outra percepção obtida pela professora é quanto à informação dos eventos culturais que acontecem na cidade e também sobre os personagens históricos, pois esse fator gera interesse das crianças.

Segundo Renata, quando a aula tem a participação do Super! as crianças ficam mais participativas e receptivas. Para a professora a mudança no interesse das crianças é visível após o período de inserção do caderno na escola, pois elas estão cada vez mais empenhadas pela leitura de jornais e também mais atentas aos assuntos do cotidiano.

5. CONCLUSÃO

Desde o Brasil colônia o jornal tem um papel importante para a população brasileira. No início do século XX, o jornal foi o responsável por suprir a falta de livros e escolas. Era por meio dele que a população tinha acesso ao conhecimento, conforme citado no capítulo um. E hoje não é diferente, o jornal é um apoio no ensino das crianças e também de muitos adultos pelo Brasil afora.

Quando o jornal foi proibido de circular no Brasil, era devido o receio que os portugueses tinham de que aquela informação impressa poderia influenciar negativamente o povo brasileiro. E hoje o jornal realmente é utilizado para influenciar, para gerar a cidadania, a cultura, o conhecimento dos direitos e deveres da população. Nada melhor do que iniciar essa conscientização da importância do jornal do que as crianças, elas são o futuro, os cidadãos de amanhã. A cidadania por meio da notícia cotidiana.

Como diz Freinet, citado no capítulo dois, o jornal como auxílio na sala de aula deve servir para uma educação que ensine para a vida e não para que as crianças sejam como gravadores, apenas repetindo o que é ensinado. Freinet é um grande defensor da utilização do jornal em sala de aula, pois ele permite ao educador compreender melhor a criança, pois através do debate o aluno expressa o seu verdadeiro pensamento, faz com que ele se sinta aberto para melhor socializar com outras pessoas.

Não é meramente influenciar na leitura ou melhorar a escrita que o jornal é levado para a sala de aula, mas para que a criança aprenda desde cedo a ler criticamente, a ter o interesse em conhecer mais e a aprender sempre. Como diz Faria, citado no capítulo dois, o mais importante é aprender a aprender.

É muito importante que o professor esteja motivado para que possa incentivar os alunos a debaterem e a compreenderem o que está sendo proposto. Ele é uma parte fundamental para o amadurecimento intelectual da criança.

Apesar das pesquisas informarem que o dinamismo em sala de aula faz com que a criança tenha mais interesse no que está sendo ensinado, poucas escolas utilizam de recursos, como o jornal, para melhorar a maneira de ensino.

A resposta da professora Renata Goulart intensifica a importância de inserir o jornal em sala de aula, pois a mudança no interesse de seus alunos é perceptível após a inclusão do Super!. A professora relatou o empenho das crianças em ler cada vez mais o caderno e outros jornais, além do real interesse por assuntos do cotidiano após meses de uso do suplemento infantil Super!.

Atitudes como da Associação Nacional de Jornais e seus associados são importantes para levar cada vez mais o jornal para a sala de aula. O programa “Jornal e Educação” objetiva formar leitores críticos para auxiliar a cidadania e a participação social.

Apenas 64 jornais no Brasil inteiro fazem parte desse trabalho, uma fatia muito pequena se comparada a quantidade de veículos impressos que existem no país. O único jornal em Brasília parceiro da iniciativa da ANJ é o *Correio Braziliense* com o “Leitor do Futuro”, o que não deveria ser apenas restrito a uma empresa, mas sim a todas as empresas de jornais. É uma iniciativa positiva que deveria ser copiada, principalmente quando o projeto atinge cerca de dois milhões de alunos no país e 68 mil professores.

O Brasil é carente de uma educação eficiente, segundo dados da INAF/ANEB/UNESCO, citado no capítulo três, apenas 26% da população brasileira é plenamente alfabetizado, ou seja, 3/4 da população não é capaz de ler e compreender um texto. É um dado alarmante, principalmente quando a mesma pesquisa mostra que 32% dos alunos da primeira série e 30% da segunda série do Ensino Fundamental são repetentes, e 2/3 dos estudantes que tem 14 anos de idade estão cursando séries defasadas com relação a sua idade. É preciso mudar esses dados.

As escolas particulares, como o caso do *Leonardo da Vinci*, já estão trabalhando para que esses dados sejam modificados no futuro. A inclusão do caderno do *Correio Braziliense*, o Super!, na sala de aula é um exemplo de que o jornal pode sim auxiliar o método de ensino utilizado pelas escolas. A própria professora, Renata Goulart, afirma que a criança incentivada pelo novo, pelo divertido, como é o caso do Super!, se interessa mais pela leitura e pelo conhecimento.

Como diz a psicopedagoga Isabel Monnerat, a diversidade de textos é importante para a construção do pensamento crítico da criança e que a variedade de conteúdo

estimula o aluno a buscar sempre mais informações. Monnerat fala sobre a importância do jornalista e do jornal para a formação de bons leitores.

Os seis alunos da escola pública que tem acesso ao Super! mostram a defasagem do jornalismo para os mais carentes. A maioria das crianças que estudam em escolas públicas são vindas de famílias de baixa renda e que não tem acesso a informação, diferente de uma criança filha de pais da classe média. É necessária uma política de interação do jornal e as escolas públicas, pois apenas algumas escolas têm acesso ao jornal para que seja utilizado em sala de aula. O projeto “Leitor do Futuro”, do *Correio Braziliense*, ainda não atingiu a maioria das escolas públicas. Seria necessário um esforço maior dos responsáveis pelo projeto para que mais crianças tenham acesso à informação. As crianças são os futuros leitores de amanhã, por isso vale a pena dedicar e incentivar para que todas possam ter acesso ao jornal, principalmente um caderno feito especialmente para elas.

O projeto “Jornal e Educação” é um passo pequeno se não houver uma parceria para que esses dados sejam modificados. Para alcançar maior número de crianças seria importante a participação do governo em projetos como o “Leitor do Futuro”. Poucas escolas conhecem o programa e se houvesse estímulo por parte da Secretaria de Educação, mais leitores poderiam ser alcançados por projetos educacionais voltados para a leitura.

Projetos de incentivo a leitura mostram que a educação é um dever e um direito de toda a população brasileira.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Projetos e Ações. Brasília, 2009. Disponível em www.anj.org.br, acessado em 20 de setembro de 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Jornal e Educação. Brasília, 2009. Disponível em www.anj.org.br/jornaleeducação, acessado de 20 de setembro a 05 de novembro de 2009.

FARIA, MARIA ALICE. **Como usar o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O jornal na sala de aula.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 1989.

_____; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

FREINET, C. **A leitura pela imprensa na escola.** Lisboa: Dinalivro, 1977.

_____. **O jornal escolar.** Lisboa: Estampa, 1974.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina (Org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade/organização.** São Paulo: PUC-RIO, 2002.

ANEXOS

62

Questionário de pesquisa – “A importância do suplemento semanal Super nas turmas de ensino fundamental das escolas públicas e privadas do DF”
 Monique Macedo – graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo
 Centro Universitário de Brasília – Uniceub / Setembro de 2009

1) Qual a sua idade?
 08 a 09 anos 10 a 11 anos 12 a 13 anos

2) Você lê o Super em casa?
 Sim Não

3) Você lê o Super na escola?
 Sim Não

4) Você gosta de ler o Super?
 Sim Não

5) O que você mais gosta no Super?
 Na ponta língua Agenda Matéria principal
 Dicas Palavras cruzadas Curiosidades
 Seninha

6) O que você não gosta no Super?
 Na ponta língua Agenda Matéria principal
 Dicas Palavras cruzadas Curiosidades
 Seninha

7) Quais as matérias que você mais gosta? (Marque apenas uma opção)
 Filme, livros e CD Videogame, gibis e desenhos animados
 Esporte Como economizar ou ganhar dinheiro
 Teatro Curiosidades História do Brasil

8) Você gosta que a professora leve o Super para a sala de aula?
 Sim Não
 Por que: C. aula fica mais legal

Questionário de pesquisa – “A importância do suplemento semanal Super nas turmas de ensino fundamental das escolas públicas e privadas do DF”
 Monique Macedo – graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo
 Centro Universitário de Brasília – Uniceub / Setembro de 2009

1) Qual a sua idade?
 08 a 09 anos 10 a 11 anos 12 a 13 anos

2) Você lê o Super em casa?
 Sim Não

3) Você lê o Super na escola?
 Sim Não

4) Você gosta de ler o Super?
 Sim Não

5) O que você mais gosta no Super?
 Na ponta língua Agenda Matéria principal
 Dicas Palavras cruzadas Curiosidades
 Seninha

6) O que você não gosta no Super?
 Na ponta língua Agenda Matéria principal
 Dicas Palavras cruzadas Curiosidades
 Seninha

7) Quais as matérias que você mais gosta? (Marque apenas uma opção)
 Filme, livros e CD Videogame, gibis e desenhos animados
 Esporte Como economizar ou ganhar dinheiro
 Teatro Curiosidades História do Brasil

8) Você gosta que a professora leve o Super para a sala de aula?
 Sim Não
 Por que: Eu gosto porque eu gosto de ler muitas coisas

Questionário de pesquisa – “A importância do suplemento semanal Super nas turmas de ensino fundamental das escolas públicas e privadas do DF”
 Monique Macedo – graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo
 Centro Universitário de Brasília – Uniceub / Setembro de 2009

1) Qual a sua idade?
 08 a 09 anos 10 a 11 anos 12 a 13 anos

2) Você lê o Super em casa?
 Sim Não

3) Você lê o Super na escola?
 Sim Não

4) Você gosta de ler o Super?
 Sim Não

5) O que você mais gosta no Super?
 Na ponta língua Agenda Matéria principal
 Dicas Palavras cruzadas Curiosidades
 Seninha

6) O que você não gosta no Super?
 Na ponta língua Agenda Matéria principal
 Dicas Palavras cruzadas Curiosidades
 Seninha

7) Quais as matérias que você mais gosta? (Marque apenas uma opção)
 Filme, livros e CD Videogame, gibis e desenhos animados
 Esporte Como economizar ou ganhar dinheiro
 Teatro Curiosidades História do Brasil

8) Você gosta que a professora leve o Super para a sala de aula?
 Sim Não
 Por que: É LEGAL

Edição de 24 de dezembro de 2005
DATAS COMEMORATIVAS



Edição de 29 de agosto de 2009
FILMES



Edição de 12 de janeiro de 2008
MEIO AMBIENTE



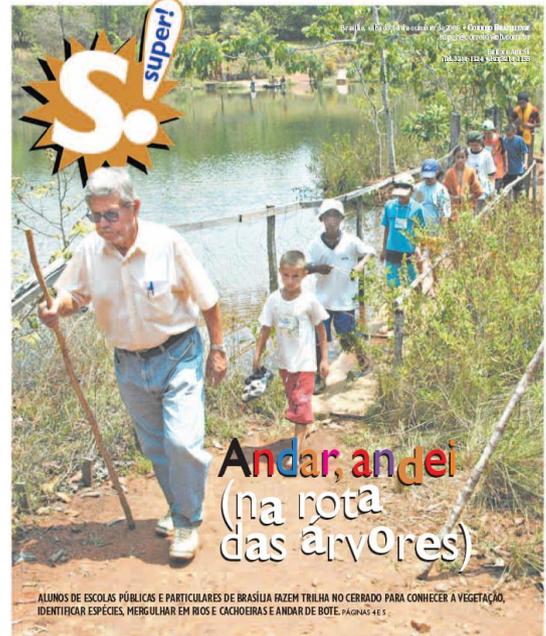
Edição de 18 de abril de 2009
LITERATURA



Edição de 28 de outubro de 2006
PROGRAMA DE TELEVISÃO



Edição de 14 de outubro de 2006
MEIO AMBIENTE



Edição de 07 de outubro de 2006
VIDEOGAME



Edição de 03 de novembro de 2007
COMPORTAMENTO

